

**Análise literária da obra Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada: aplicabilidade no letramento de gênero no ensino fundamental**

Literary analysis of the work Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada: applicability in gender literacy in elementary education

Luciana Ferreira dos Santos<sup>1</sup>

Rosilene dos Santos de Oliveira<sup>2</sup>

Solange Rodrigues de Almeida Andreliano<sup>3</sup>

Sueli Marques Ferraz<sup>4</sup>

**RESUMO**

Este artigo analisa a obra Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada (1960), de Carolina Maria de Jesus, no contexto do Ensino Fundamental, evidenciando sua relevância para o desenvolvimento do letramento de gênero e da consciência crítica dos estudantes. A narrativa diarística de Carolina, marcada pela intersecção entre raça, gênero e classe, constitui um testemunho social potente sobre a realidade das mulheres negras nas periferias urbanas brasileiras, revelando desigualdades estruturais e práticas de resistência cotidiana. A pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter bibliográfico, fundamenta-se em autoras como Conceição Evaristo (2014), cuja perspectiva da “escrivência” amplia a compreensão da literatura negra

<sup>1</sup>Graduada em Letras, Graduada em Pedagogia, Especialização em Psicopedagogia com ênfase em educação especial. E-mail: lucianaferreira8563@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-0968-8871>

<sup>2</sup>Licenciada em Pedagogia e História com Pós Graduação Nível especialização em Gestão Orientação e Supervisão Escolar e Metodologia do Ensino de História. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-2948-0427> E-mail: rosilenedossantos09@gmail.com

<sup>3</sup>Graduada em Geografia, Graduada em Letras Libras com pós graduação em na língua brasileira de sinais – LIBRAS. Mestrando no PPGEU UFNT, Orcid: <http://orcid.org/0009-0003-5212-5120> E-mail: solangeuft@hotmail.com

<sup>4</sup>Graduada em História pela UFT, Graduada em Psicologia pela FACDO, Graduada em Pedagogia pela UNicesumar, Mestre em Cultura e Território pela UFT, Doutora em Psicologia pela UFPA, e-mail [suelimarquespsicologaarg@gmail.com](mailto:suelimarquespsicologaarg@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-.5850-5808>.

feminina como espaço de memória, identidade e afirmação; e Djamila Ribeiro (2017), cujo conceito de “lugar de fala” permite reconhecer a legitimidade epistêmica das narradoras que produzem conhecimento a partir de suas experiências concretas de subalternização. Ao aproximar *Quarto de Despejo de Olhos d’Água*, de Evaristo, evidencia-se que essas obras, quando inseridas em práticas pedagógicas, contribuem para a formação de leitores mais sensíveis às questões sociais e atentos à diversidade de vozes femininas presentes na literatura brasileira contemporânea. A articulação desses textos no ambiente escolar favorece reflexões sobre racismo, desigualdade social e direitos humanos, fortalecendo processos de empatia e de valorização de identidades historicamente marginalizadas. Conclui-se que o uso pedagógico dessas obras nos anos iniciais do Ensino Fundamental constitui uma estratégia significativa para promover letramento literário crítico, educação para equidade e práticas educativas mais inclusivas e transformadoras.

**Palavras-chave:** Quarto de despejo. Letramento de gênero; Literatura negra; Ensino Fundamental.

## **ABSTRACT**

This article analyzes Carolina Maria de Jesus's work, *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960), in the context of elementary education, highlighting its relevance for the development of gender literacy and critical awareness among students. Carolina's diary narrative, marked by the intersection of race, gender, and class, constitutes a powerful social testimony about the reality of Black women in Brazilian urban peripheries, revealing structural inequalities and practices of everyday resistance. The research, with a qualitative and bibliographic approach, is based on authors such as Conceição Evaristo (2014), whose perspective of "escrivência" (a term coined by the author) broadens the understanding of Black women's literature as a space of memory, identity, and affirmation; and Djamila Ribeiro (2017), whose concept of "place of speech" allows us to recognize the epistemic legitimacy of narrators who produce knowledge from their concrete experiences of subalternation. By comparing *\*Quarto de Despejo\** with *\*Olhos d’Água\**, by Evaristo, it becomes evident that these works, when incorporated into pedagogical practices, contribute to the formation of readers who are more sensitive to social issues and attentive to the diversity of female voices present in contemporary Brazilian literature. The articulation of these texts in the school environment fosters reflections on racism, social inequality, and human rights, strengthening processes of empathy and the valuing of historically marginalized identities. It is concluded

that the pedagogical use of these works in the early years of elementary school constitutes a significant strategy to promote critical literary literacy, education for equity, and more inclusive and transformative educational practices.

**Keywords:** Quarto de Despejo; Gender literacy; Black literature; Elementary school.

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura tem o poder de revelar, denunciar e transformar realidades sociais, tornando-se um instrumento essencial no processo educativo e formativo de cidadãos críticos. A obra “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” (1960), de Carolina Maria de Jesus, é um exemplo singular da força da escrita como expressão da resistência e da denúncia das desigualdades raciais, de gênero e sociais.

Sua narrativa, construída a partir da vivência cotidiana em uma favela de São Paulo, apresenta um retrato cru das exclusões estruturais que atingem majoritariamente mulheres negras em contextos de pobreza e marginalização. Nesse sentido, a obra se torna um importante recurso para o letramento de gênero no Ensino Fundamental, contribuindo para a formação de alunos conscientes sobre as desigualdades que atravessam a sociedade brasileira. Como a leitura e análise da obra Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada pode contribuir para o letramento de gênero no Ensino Fundamental, promovendo reflexões sobre racismo, desigualdade e resistência feminina?

A hipótese central sustenta que a utilização dessa obra em sala de aula pode ampliar a compreensão dos alunos sobre as relações entre gênero, raça e classe social, fortalecendo práticas pedagógicas voltadas à valorização da mulher negra e ao combate das opressões históricas. A leitura crítica do diário de Carolina Maria de Jesus permite o reconhecimento das vozes silenciadas e possibilita o diálogo entre literatura, identidade e direitos humanos, especialmente no que tange à emancipação feminina e à luta contra o racismo estrutural.

O objetivo geral deste estudo é analisar a obra Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada sob a perspectiva do letramento de gênero, discutindo sua aplicabilidade pedagógica no Ensino Fundamental e sua contribuição para a formação de uma consciência crítica acerca das desigualdades raciais e de gênero presentes na sociedade brasileira.

A metodologia utilizada será de natureza qualitativa, com base em uma análise de literatura. Serão examinados textos literários e teóricos que abordam a representação da mulher negra, as relações de poder e a resistência social. A análise literária da obra será

articulada a uma base teórica fundamentada em Frantz Fanon (2008), com *Pele Negra, Máscaras Brancas*, e em Achille Mbembe (2018), com *Necropolítica*.

Fanon (2008) contribui para compreender os efeitos psicológicos e sociais do racismo e da colonialidade na formação da subjetividade negra, enquanto Mbembe oferece uma leitura crítica sobre a necropolítica o poder de decidir quem deve viver e quem pode morrer, permitindo relacionar o contexto de exclusão vivido por Carolina Maria de Jesus às estruturas de poder que perpetuam a marginalização das populações negras e periféricas.

## **2 FORMAÇÃO DE CONSCIÊNCIA SOCIAL E EMPATIA A PARTIR DA OBRA QUARTO DE DESPEJO**

A literatura possui um papel formativo essencial na constituição de sujeitos críticos, capazes de compreender a realidade social na qual estão inseridos. No caso do Ensino Fundamental, textos que abordam desigualdades e experiências marginalizadas favorecem o desenvolvimento de valores como empatia, respeito e responsabilidade social.

A obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus, destaca-se como instrumento privilegiado nesse processo, ao apresentar ao leitor a vivência concreta da pobreza, da fome, da exclusão e da resistência cotidiana de uma mulher negra e favelada no Brasil urbano do século XX. Essa narrativa, permeada de lucidez e sensibilidade, possibilita ao estudante reconhecer as múltiplas formas de violência social que atravessam a vida da autora, favorecendo a construção de uma consciência social mais ampla.

Sob a perspectiva da educação crítica, Paulo Freire (1996) defende que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e que o ato de ler deve estar profundamente articulado à reflexão sobre as condições históricas e sociais. Nesse sentido, *Quarto de Despejo* representa uma oportunidade didática singular, pois insere os alunos em um processo de leitura que mobiliza não apenas habilidades cognitivas, mas também disposições éticas e afetivas.

A obra convoca o leitor a se colocar no lugar do outro, reconhecendo a dor e a luta de Carolina enquanto expressões concretas de desigualdades estruturais. Essa postura empática, conforme destaca Freire, é essencial para a formação de sujeitos comprometidos com a transformação social.

No campo dos estudos de gênero, autoras como Sueli Carneiro (2003), Djamila Ribeiro (2017) e Conceição Evaristo (2014) enfatizam a importância de reconhecer as experiências das mulheres negras como centrais para compreender a constituição histórica da sociedade brasileira. A escrita de Carolina Maria de Jesus articula gênero, raça e classe,

revelando como essas dimensões estruturam práticas de exclusão e condições desiguais de existência.

A obra de Conceição Evaristo (2014), especialmente *Olhos d'Água*, dialoga de maneira profunda com *Quarto de Despejo*, ao trazer para o centro da literatura brasileira narrativas que evidenciam as experiências de mulheres negras, pobres e periféricas. Sua escrita, marcada pelo conceito de “escrevivência”, revela que a produção literária de mulheres negras emerge não apenas como criação estética, mas como gesto político, capaz de inscrever vidas historicamente silenciadas na esfera pública.

A perspectiva de Conceição Evaristo (2014) contribui diretamente para a análise da obra de Carolina Maria de Jesus, pois permite compreender que a literatura produzida por mulheres negras não apenas denuncia desigualdades, mas também afirma identidades, memórias e resistências. Tanto *Olhos d'Água* quanto *Quarto de Despejo* revelam, cada qual à sua maneira, as marcas deixadas pela violência estrutural, pela fome, pela discriminação racial e pela exclusão social, mas também evidenciam a força, a sensibilidade e a agência dessas mulheres diante de contextos adversos.

No Ensino Fundamental, a aproximação entre essas duas obras fortalece o letramento de gênero ao oferecer aos estudantes uma pluralidade de vozes femininas que enfrentam diferentes formas de opressão, promovendo reflexões profundas sobre desigualdade, pertencimento e humanidade. Quando o aluno tem acesso a essas narrativas, abre-se a possibilidade de desenvolver empatia e consciência social, elementos essenciais para a formação cidadã.

Assim, a obra de Evaristo (2014) amplia o repertório crítico e literário da proposta pedagógica, mostrando que a literatura pode ser um território de autoria, dignidade e valorização das experiências de mulheres que, por séculos, foram relegadas à margem da história e dos espaços educativos.

Essa valorização dialoga diretamente com as contribuições de Djamila Ribeiro (2017), que, ao discutir o conceito de “lugar de fala”, evidencia a importância de reconhecer que cada sujeito fala a partir de uma posição social específica, marcada por experiências concretas de gênero, raça e classe.

Para Ribeiro (2017), compreender o lugar de fala não implica restringir discursos, mas reconhecer como estruturas de poder moldam acessos, legitimações e silenciamentos. Desse modo, ao integrar *Quarto de Despejo* ao contexto escolar, o professor legitima um discurso historicamente marginalizado e oferece aos estudantes a possibilidade de reconhecer a relevância de vozes como a de Carolina, que por muito tempo foram apagadas das narrativas

hegemônicas. A articulação entre Carolina, Evaristo e Ribeiro, portanto, reafirma a potência da literatura negra feminina como instrumento formativo, crítico e transformador.

Ao trabalhar essa obra no Ensino Fundamental, o professor possibilita que os estudantes compreendam não apenas a desigualdade social, mas também a invisibilização histórica das mulheres negras na produção cultural e intelectual. Esse movimento é fundamental para o fortalecimento do letramento de gênero, pois estimula o reconhecimento de múltiplas vozes e narrativas.

A reflexão proposta por Sueli Carneiro (2003) é fundamental para ampliar o entendimento da dimensão social e política presente na narrativa de Carolina Maria de Jesus. Para a autora, a sociedade brasileira opera historicamente pela “construção do outro como não-ser”, processo pelo qual mulheres negras, pobres e periféricas têm suas vozes silenciadas, sua humanidade negada e sua existência social produzida à margem.

Ao trazer sua própria experiência como mulher negra favelada para o centro do discurso, Carolina rompe com essa lógica de invisibilização denunciada por Carneiro (2003), reclamando para si o direito à fala, à memória e à representação. Trabalhar Quarto de Despejo no Ensino Fundamental, portanto, permite evidenciar aos estudantes a violência simbólica e estrutural que incide sobre corpos racializados, ao mesmo tempo em que revela estratégias de resistência e autoafirmação.

Assim, a perspectiva de Carneiro (2003) contribui para compreender como a obra desafia estruturas históricas de dominação e se torna instrumento pedagógico potente para promover empatia, consciência social e letramento de gênero.

A literatura, nesse contexto, funciona como espaço de denúncia e resistência. Conforme argumenta Orlandi (2001), os discursos carregam marcas das condições históricas de produção, refletindo relações de poder que atravessam a sociedade. A escrita de Carolina rompe com estereótipos ao conferir protagonismo a uma mulher negra intelectualizada, crítica e consciente de sua própria realidade. Além disso, o contato dos estudantes com essa narrativa fomenta questionamentos sobre direitos humanos, justiça social e cidadania, contribuindo para práticas pedagógicas mais inclusivas e transformadoras.

A perspectiva de Eni Orlandi (2001) aprofunda a compreensão do discurso presente em Quarto de Despejo, ao afirmar que todo enunciado é atravessado pelas condições históricas de produção e pelos lugares sociais ocupados pelos sujeitos. Dessa forma, a escrita de Carolina Maria de Jesus não pode ser interpretada apenas como relato individual, mas como um discurso construído a partir de uma posição social marcada pela pobreza, pelo racismo e pela desigualdade de gênero.

Orlandi (2001) destaca que o discurso é sempre espaço de disputa simbólica, no qual determinadas vozes são legitimadas enquanto outras são silenciadas. Nesse sentido, Carolina rompe com a ordem discursiva hegemônica ao inscrever a experiência da mulher negra favelada em um campo literário tradicionalmente dominado por perspectivas brancas e elitizadas.

Assim, a leitura da obra, à luz de Orlandi (2002), fortalece tanto a formação de consciência social quanto o letramento de gênero, ao evidenciar que toda narrativa é também um gesto político de significação.

Por fim, o trabalho com Quarto de Despejo também se articula ao conceito de letramento literário, discutido por Magda Soares (2004), que enfatiza a necessidade de desenvolver não apenas a habilidade técnica de leitura, mas também a compreensão dos sentidos sociais e culturais dos textos. A obra de Carolina, ao aproximar literatura e realidade, amplia o horizonte interpretativo dos alunos e possibilita experiências estéticas que favorecem a construção de empatia e consciência crítica. Assim, o livro transcende sua função artística para se tornar um dispositivo pedagógico relevante na formação integral dos estudantes

### **3 VALORIZAÇÃO DA VOZ POPULAR E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA A PARTIR DO PENSAMENTO**

A análise literária de Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada adquire maior densidade crítica quando percebida como expressão da voz popular e da cultura afro-brasileira. Conforme discutido em seções anteriores, a obra de Carolina Maria de Jesus emerge como uma narrativa que articula gênero, raça e classe, revelando desigualdades estruturais e, simultaneamente, afirmando identidades e resistências femininas.

Nesse contexto, o pensamento de Homi Bhabha (1998) e Kabengele Munanga (2004) fornece importantes aportes teóricos para compreender como a literatura produzida por sujeitos subalternizados pode romper silenciamentos históricos e ocupar novos espaços de enunciação.

Bhabha (1998) propõe o conceito de “terceiro espaço”, afirmando que é nele que “as estratégias de significação e intervenção emergem para negociar com os centros de poder” (BHABHA, 1998, p. 56). A escritura de Carolina se insere precisamente nessa zona de criação e tensão cultural. Sua linguagem, permeada pela oralidade da periferia, pelo cotidiano da sobrevivência e pela denúncia das desigualdades sociais, representa um deslocamento das fronteiras literárias tradicionais. Carolina reinventa a própria condição de mulher negra pobre

ao narrar sua vida: transforma a marginalidade em discurso, a fome em crítica social, e a exclusão em gesto literário.

Essa perspectiva se fortalece quando articulada às reflexões de Munanga (2004), para quem a valorização da cultura afro-brasileira depende do reconhecimento das experiências negras como “processos históricos, culturais e políticos que constituem uma identidade em constante construção” (MUNANGA, 2004, p. 12).

O autor destaca que o combate ao racismo e aos estigmas se inicia pelo reconhecimento da palavra e da humanidade daqueles que foram sistematicamente silenciados. Nesse sentido, Quarto de Despejo representa um marco, pois permite que uma mulher negra favelada inscreva sua experiência no espaço público da literatura brasileira, historicamente reservado às elites letradas.

A conexão com as autoras já discutidas como Evaristo, com a noção de escrevivência, e Djamila Ribeiro, com o conceito de lugar de fala reforça ainda mais essa leitura. Assim como a narrativa de Evaristo recupera memórias e afetos das mulheres negras, “gestadas na dor e na força de uma ancestralidade que resiste” (EVARISTO, 2014, p. 18), Carolina também produz uma escrita que transforma vivências pessoais em testemunho coletivo.

De modo complementar, Ribeiro (2017) argumenta que reconhecer o lugar de fala “é reconhecer que todas as pessoas falam a partir de um lugar social que influencia a forma como são ouvidas” (RIBEIRO, 2017, p. 29). Nesse sentido, a voz de Carolina, antes invisibilizada, torna-se epistemologicamente legítima e politicamente necessária.

A valorização da voz popular e da cultura afro-brasileira, no contexto da análise de Quarto de Despejo, pode ser ampliada pelo diálogo entre o pensamento pós-colonial de Homi Bhabha e as contribuições de autores brasileiros que discutem desigualdade estrutural, racismo e periferização.

A perspectiva de Ribeiro e Aires (2012), ao analisarem o racismo ambiental no Brasil, fortalece essa compreensão ao revelar como populações negras e periféricas são sistematicamente expostas a condições degradantes de vida, resultado de políticas públicas excludentes e da lógica colonial que persiste na organização socioespacial das cidades.

Segundo os autores, “a distribuição desigual dos riscos e danos ambientais evidencia quem é considerado descartável no tecido social brasileiro”. O diário de Carolina materializa essa dinâmica: a fome, o lixo, a ausência do Estado e a precarização da vida são expressões concretas de um ambiente urbano racialmente hierarquizado. Assim, sua obra denuncia a violência estrutural que atravessa as vidas de mulheres negras e reafirma a importância de reconhecer a sabedoria produzida nesses espaços de exclusão.

Jessé Souza (2018) contribui ao demonstrar que a periferização da população negra não é apenas econômica, mas simbólica. Para o autor, a “subcidadania” é uma construção histórica que naturaliza desigualdades e legitima a desvalorização das vozes populares.

A experiência narrada por Carolina evidencia esse processo: sua condição de favelada não decorre de falhas individuais, mas de um sistema que produz e reproduz a marginalização das classes populares. Ao incorporar essa perspectiva ao ensino de Quarto de Despejo, o professor reforça a importância de compreender o diário como um documento social que revela as estruturas de poder responsáveis pela exclusão contínua da população negra.

No ambiente escolar, especialmente no Ensino Fundamental, o diálogo entre Bhabha (1998), Munanga (2004), Ribeiro (2017), Evaristo (2014) e Carolina amplia a capacidade dos estudantes de interpretar o mundo a partir de múltiplas perspectivas. Ao trabalhar Quarto de Despejo como instrumento pedagógico, o professor estimula o letramento de gênero e raça, fomenta a empatia e promove a valorização da diversidade cultural brasileira. Isso ocorre porque os estudantes passam a compreender que a literatura não se limita a reproduzir modelos hegemônicos, mas pode ser, conforme Bhabha (1998), um espaço de “negociação e reinscrição de identidades”.

Assim, a obra de Carolina Maria de Jesus ampliada pelo diálogo com outras vozes negras torna-se fundamental para a construção de uma educação comprometida com a justiça social, os direitos humanos e a formação crítica dos jovens leitores. A valorização da voz popular, portanto, não é apenas uma estratégia literária, mas um ato político que transforma a escola em um território de democratização do conhecimento e de fortalecimento das identidades afro-brasileiras.

## **4 EDUCAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA A PARTIR DA NECROPOLÍTICA**

A discussão sobre direitos humanos e cidadania no contexto educacional exige a compreensão das estruturas históricas que produziram desigualdades persistentes no Brasil. A obra Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada, quando interpretada à luz da necropolítica conceito formulado por Achille Mbembe (2018) revela como a sociedade brasileira administra a vida e a morte de sujeitos racializados e pobres.

Para Mbembe (2018), a necropolítica refere-se às formas de poder que determinam “quem deve viver e quem deve morrer”, evidenciando que determinados grupos sociais são sistematicamente expostos à violência, à fome e à exclusão. A fome constante vivida por

Carolina Maria de Jesus, por exemplo, não é apenas uma condição material, mas manifestação das políticas de morte que estruturam o cotidiano das populações negras periféricas no país.

Ao trazer essa discussão para a escola, a educação para os direitos humanos torna-se uma prática fundamental. Lynn Hunt (2009), ao refletir sobre a genealogia dos direitos humanos, argumenta que esses direitos só se consolidam quando acompanhados de um movimento de sensibilização social e reconhecimento da dignidade humana, afirmando que “os direitos humanos dependem da capacidade de imaginar a dor do outro”.

A leitura do diário de Carolina, portanto, atua como um exercício pedagógico de empatia e consciência crítica, possibilitando que os estudantes compreendam a humanidade de sujeitos historicamente invisibilizados e reconheçam as desigualdades que estruturam o país.

Norberto Bobbio (2004), por sua vez, destaca que os direitos humanos não existem apenas enquanto declaração formal, mas enquanto prática política que demanda constante luta e vigilância. Para o autor, “o problema fundamental de nosso tempo não é mais fundamentar os direitos, mas protegê-los”. Essa afirmação torna-se central para compreender o contexto vivido por Carolina, cuja existência revela a distância entre o que é garantido pela legislação brasileira e o que é experienciado na realidade concreta das periferias urbanas. A educação para os direitos humanos, nesse sentido, deve se comprometer com a formação de sujeitos capazes de identificar violações, compreender as estruturas que as produzem e atuar para transformá-las.

O diálogo entre Mbembe (2018), Hunt (2009) e Bobbio (2014) reforça que a cidadania não pode ser reduzida a um status jurídico, mas deve ser entendida como prática social que envolve igualdade, dignidade e participação. Ao trabalhar Quarto de Despejo no Ensino Fundamental, o professor oferece aos estudantes não apenas contato com a literatura, mas com uma ferramenta crítica de leitura do mundo, como propõe Paulo Freire (1996). A narrativa de Carolina evidencia que a desigualdade no Brasil não é acidental, mas parte de um projeto histórico de distribuição desigual de direitos e oportunidades.

Dessa forma, ao articular literatura, necropolítica e educação em direitos humanos, a escola torna-se espaço de resistência e formação cidadã. Os estudantes passam a compreender que a cidadania é um direito universal, mas que sua vivência plena depende da transformação das estruturas sociais que sustentam a violência, o racismo e a exclusão as mesmas estruturas denunciadas por Carolina em seu diário. Assim, o ensino da obra contribui para a construção de uma cultura escolar comprometida com a justiça social, o respeito à dignidade humana e a promoção efetiva dos direitos humanos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus, demonstra a potência da literatura como instrumento formativo na construção de consciência social, letramento de gênero e educação para os direitos humanos no Ensino Fundamental. Ao longo deste artigo, constatou-se que a narrativa de Carolina, ao emergir das margens sociais e raciais do Brasil, constitui-se não somente como testemunho individual, mas como documento histórico, político e pedagógico que denuncia desigualdades estruturais e revela a força da resistência feminina negra.

A partir da perspectiva pós-colonial de Homi Bhabha (1998), compreendeu-se que a escrita de Carolina ocupa um “entre-lugar” de enunciação, rompendo com discursos hegemônicos e reinscrevendo a mulher negra favelada no espaço simbólico da cultura. Essa valorização da voz subalternizada dialoga diretamente com Conceição Evaristo (2014), cuja noção de *escrevivência* reafirma a literatura como espaço de memória, identidade e afirmação política das mulheres negras, especialmente aquelas marcadas pela pobreza e pela violência estrutural. Complementarmente, Djamila Ribeiro (2017) contribui com o conceito de “lugar de fala”, reforçando que a produção literária de sujeitos historicamente silenciados deve ser legitimada como forma de conhecimento e resistência.

No campo dos estudos sobre desigualdade, as formulações de Sueli Carneiro (2003) e Eni Orlandi (2001) permitiram compreender como a escrita de Carolina rompe com a construção social do “não-ser” e desafia as estruturas discursivas que desumanizam corpos negros. Ribeiro & Aires (2012) e Jessé Souza (2018) ampliaram essa reflexão ao evidenciar como o racismo ambiental e a produção histórica da subcidadania moldam as condições de vida da população negra e periférica, as mesmas condições que atravessam e estruturam o diário de Carolina.

Do ponto de vista dos direitos humanos, as discussões de Lynn Hunt (2009), Norberto Bobbio (2004) e Achille Mbembe (2018) mostraram que a obra evidencia práticas de necropolítica e violações sistemáticas de direitos, denunciando as formas pelas quais o Estado e a sociedade determinam quais vidas são protegidas e quais podem ser descartadas. Nesse sentido, *Quarto de Despejo* torna-se um instrumento crucial para a formação cidadã, permitindo que estudantes reflitam criticamente sobre desigualdade, dignidade humana e justiça social.

No âmbito pedagógico, Paulo Freire (1996) e Magda Soares (2004) fundamentaram a compreensão de que o letramento literário deve articular leitura de mundo e leitura da palavra, mobilizando dimensões cognitivas, éticas, históricas e afetivas. A obra de Carolina atende plenamente a essa perspectiva, ao possibilitar que meninas e meninos do Ensino Fundamental desenvolvam empatia, pensamento crítico e compreensão das interseções entre gênero, raça e classe.

Assim, este artigo conclui que a inserção de Quarto de Despejo no currículo escolar não apenas fortalece o letramento de gênero e a valorização da cultura afro-brasileira, mas também contribui para a formação de sujeitos capazes de reconhecer e enfrentar as desigualdades que estruturam a sociedade brasileira. Ao reunir literatura, crítica social, direitos humanos e educação emancipadora, a obra de Carolina Maria de Jesus se confirma como um instrumento pedagógico indispensável para uma escola comprometida com a equidade, a democracia e a promoção da cidadania plena.

## REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Francine Silva; AIRES, Vinícius Silveira. **Racismo ambiental e seus impactos sociais.** Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania:** para uma sociologia política da modernidade periférica. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 207 p.